

Mundo, espaço e existência: noções hermenêuticas de Geografia

World, space and existence: hermeneutic notions of Geography

Celso Samir Guielcer de For¹

RESUMO

Este texto é mais um ensaio que um artigo. Tem como objetivo a construção de outra noção de geografia. Um dos elementos considerados mais importantes é a construção de outro fundamento interpretativo para a geografia – e tudo isso nas bases de uma hermenêutica. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Interpretação. Hermenêutica. Geografia. Mundo.

ABSTRACT

This text is an essay instead being an article. It has as objective the construction about other geographic notion. One of the most important concern is the construction of another interpretative foundation for the geographic field, based on hermeneutic. The methodology was bibliographic research.

Keyword: Interpretation. Hermeneutic. Geography. World.

1 INTRODUÇÃO

Um dos elementos mais relevantes para a compreensão do mundo contemporâneo é penetrar no pensamento que constitui a “forma”² inicial do nosso pensamento. Quando Descartes faz a descrição do mundo como uma forma de representação, estabeleceu as bases para o pensamento e para a chamada ciência moderna.

No entanto, pensar a condição de existência é pensar a condição da espacialidade. Quando pensamos a existência / espacialidade como uma condição de si, nos referimos diretamente ao “ser-no-mundo”, de Heidegger.

¹ Mestre em Filosofia da Educação pela UCS – Universidade de Caxias do Sul / RS. Graduado em Filosofia, com habilitação em História e Sociologia, pós-graduado em Informática Aplicada à Educação e graduando em Geografia. Psicanalista em formação pela Escola de Psicanálise Tripé/SP. Professor da UniFtec em Caxias do Sul/RS.

² Quando nos referimos à questão da “forma”, fazemos referência a Heidegger em seu texto sobre Nietzsche, onde usa termo “Formação de Teorias”.

As primeiras questões que serão aqui trabalhadas são os referentes ao ser-no-mundo, e como esta noção pode nos remeter a uma reconstrução do significado da ação construtora da Geografia. Em outras palavras, é como se pudéssemos pôr em destaque a capacidade hermenêutica da Geografia de interpretar o mundo que nos cerca.

Assim, precisamos perseguir três pontos fundamentais:

- 1) colocar em evidência a contribuição que tem o conceito de ser-no-mundo para o pensamento;
- 2) investigar a capacidade descritiva da Geografia buscando evidenciar os conceitos fundamentais da geografia: lugar, região e espaço;
- 3) verificar como pode *acontecer* o entrelaçamento entre o ser-no-mundo e a geografia.

Assim, por meio dessa forma, construir um esboço real do significado e da importância da geografia em seu processo de aprendizagem, pois tudo a que se quer dar destaque é a compreensão que a Geografia pode gerar sobre o mundo que nos cerca. E fazer isso através de uma transformação dos conceitos básicos de Geografia, com base em conceitos de fundamentos hermenêuticos e a utilização destes para podermos repensar a noção básica da ciência geográfica enquanto uma apreensão básica de mundo.

2 O MUNDO E SUA “MUNDANEIDADE”³

A compreensão básica de mundo circundante se vincula a como nos relacionamos com o mesmo. Em outras palavras, falar do / sobre o mundo circunscreve-se em uma epistemologia e em uma visão, uma interpretação de mundo. Dessa forma, temos já no *Ser e Tempo* a indicação de como o mundo e homem se relacionam. Descartes, em seu *Discurso do Método*, objetiva esta relação com um anteparo representacional chamado por ele de *Cogito*. Este serviu como modelo e alicerce para as ciências em desenvolvimento. *A Ratio Moderna* tem seu início aqui.

Contudo, o projeto cartesiano tem um vigoroso sistema de argumentos baseados em um mecanismo de provas e evidências que juntos demonstram uma coisa muito

³ A essência do mundo em processo dinâmico constante referenciado pela “manualidade” que o compõe, pelo fato de ser envolvido pela própria “acontecência” do mundo.

simples, ou seja, que é evidente que exista uma substância pensante, pois é por ela que podemos comparar os conteúdos do mundo com os conteúdos de nossa mente e assim estruturar representações deste mundo.

Com isso, constata-se que Descartes percebe ontologicamente o mundo pela sua extensão. Em sua epistemologia, este filósofo diz que cada ente pode ser percebido de acordo com seus atributos, os quais revelam a substancialidade e nos permitem identificar a *res corporea*⁴. Então: “... comprimento, altura e largura constituem o ser propriamente dito da substância corpórea que nós chamamos de mundo.”⁵

Dessa forma, o que se apresenta é a condição ontológica para determinar a estrutura própria deste ente que pode ser. Então todos os correlativos como figura, divisão e modo são relativos à extensão, são maneiras de como a extensão se apresenta.

A questão é como se apresenta este ente, a dureza e velocidade são apenas formas, substancialidades que nos permitem determinar a substância deste ente. Com isso, toda a representação do ente se baseia em uma noção muito clara de extensão de como, por formas analógicas, de toda substância divina. Dessa maneira, a noção de ser de uma substância é determinada por algo que seja necessário. “A produção de algo simplesmente dado, ou também a necessidade de se produzir, constituem o horizonte em que se compreende o ser.”⁶ Esta noção representa uma transformação do próprio horizonte do que chamamos de conhecimento objetivo.

Com isso, a relação com a espacialidade atinge um ponto convergente sobre sua importância. No entanto, essa discussão tem nuances que devemos atentar certas modulações dependendo da frequência epistemológica. Quando vemos Descartes apresentar uma noção de substancialidade análoga a Deus e com isso percebemos a verticalidade desta identidade criada que contemporaneamente irá ser chamada de subjetividade. Quando Descartes nos apresenta o *cogito* como função principal do ser humano enquanto ponto de análise para o entendimento do mundo por via de analogias⁷.

⁴ Coisa corpórea. Um sinônimo para a noção de matéria.

⁵ Ser e Tempo, 2002, §19.

⁶ Ser e Tempo, 2002, § 20.

⁷ Esta parte fica entendida na compreensão que temos quando Descartes monta seu modelo de analogia subscrito no método. Quando ele, no livro 5 de seu *Discurso do Método* descreve o modelo do método, não deixa claro o que acontece quando, ao analisar um objeto de estudo, pede para que dividamos o objeto em quantas partes forem necessárias, porém diz também que para compreendermos o que significa o objeto precisamos reconstruí-lo partindo da parte analisada. Dessa forma, o objeto analisado e reconstruído de forma comparativa entre a parte e o todo. Poderíamos introduzir este problema em uma noção de discussão interpretativa. Com isso, Platão nos mostra um parâmetro no qual há uma

Assim, podemos compreender que todo processo de construção da categoria de espaço está diretamente relacionado com a compreensão que temos do mundo que nos cerca. Quando Descartes estabelece o *cogito* como princípio deste método de análise precisa de um ponto sob o qual não é mais possível regressar; este ponto de argumentação é verificado de maneira a realizar a impossibilidade de regressar. Contudo, para podermos compreender esta relação, precisamos ver que o ponto principal está no fato de que, para demonstrar a existência do *cogito* como substância, recorre a Deus, como no argumento Ontológico de Anselmo sobre a perfeição. Assim, é baseado neste argumento que Descartes prossegue, fazendo uma comparação entre o eu que pensa e esta é uma subjetividade (substância pensante) e Deus, grau máximo de perfeição.

Assim Descartes é um elaborador de mundo através do *cogito*. Em outras palavras, acontece um mundo fundado na subjetividade humana realizada a partir da *res cogitans* (coisa pensante). E esta coisa pensante torna-se o único elemento que relacione a coisa e o pensamento; com isso, temos uma percepção epistemológica clara de um racionalismo extremo. Este modelo de racionalismo abrange boa parte dos elementos de construção da realidade.

2.1 A economia do real

Um elemento fundamental na vida de Descartes é a Matemática. Quando ele elabora uma visão metódica sobre o problema do conhecimento, desmontando a relação entre o objeto e a consciência. Assim esta unidade elementar que chamamos de “eu”.

Quando encontramos a unidade “eu”, temos como resultado a própria aproximação com o mundo e a definição de lugar se torna complexa. A expressão deste mesmo lugar se torna matematizada. O cunho desta possibilidade está na igualdade, ou pelo menos, de semelhanças entre as substâncias. Em outras palavras, o que vemos é uma evidência proclamada que não aparenta ser tão óbvia assim:

Nas afirmações “Deus é” e “o mundo é” predicamos o ser. Essa palavra “é” não pode indicar o ente cada vez referido no mesmo sentido [...], já que entre ambos existe uma diferença infinita de ser; se a significação do “é” fosse

unidade entre os elementos, as chamadas *díades*. Estas revelam certa transversalidade no horizonte de interpretação.

unívoca, então o criado teria o mesmo sentido que o não criado seria rebaixado a um criado. (HEIDEGGER, 2002, p. 20).

O que acontece é uma dificuldade ontológica e semântica empreendida por Descartes e apontada por Heidegger aqui. Vemos, como está sendo demonstrado, que há um pressuposto de unicidade de substâncias que realmente não existe. Assim, qualquer análise feita precisa atender ao processo fundamental comparativo da Matemática entre a possibilidade das substâncias serem compatíveis.

Com isso,

[...] “ser” de fato não é acessível como os entes, ele passa a ser expresso por determinações ônticas dos entes em questão, isto é, pelos atributos. Mas não por quaisquer atributos e sim por aqueles que satisfaçam, de maneira mais pura, ao sentido do ser e da substancialidade, pressupostos sem discussões. Na substantia finita, como res corpórea, a extensão é a “atribuição” primordialmente necessária. (HEIDEGGER, 2002, p. 20).

Dessa forma, podemos perceber que toda classificação gerada pelas ciências tem a forte marca da lógica matemática. E assim toda a classificação, por exemplo, gerada na geografia é marcada fortemente por uma determinação ôntica⁸ e a partir daí construímos um conhecimento sistemático sobre o mundo. O resultado maior é o de uma sistematização unilateral sobre o mundo.

Esta sistematização precisa ser desconstruída de tal forma que demonstraremos aspectos referentes a esta formulação. E o primeiro deste aspecto é a espacialidade da ação. Toda prática realizada em um mundo revela um contexto e desta maneira esta constrói uma estrutura⁹ conectada entre diversos pontos. No entanto, precisamos examinar como acontece¹⁰ esta construção total¹¹ desta experiência.

Assim o mundo, visto enquanto espaço, é visto como determinado pela sua pobreza de existência. Em outras palavras, vemos que o espaço que nos cerca é elaborado a partir do próprio existir. Desta forma, apenas na prática que o espaço se

⁸ A palavra tem um significado muito importante. O ôntico é a determinação do ser. Podemos, inclusive, dizer que o ôntico é parte determinante do ontológico. E esta parte da determinação é o que o ser vai captar ao poder perguntar-se.

⁹ Não podemos confundir o conceito de estrutura vindo do Estruturalismo e o conceito de estrutura utilizado aqui. O conceito de estrutura serve para nos revelar a estrutura formal de um ser. E assim este ser ter a capacidade de ser revelado como conexão em um contexto.

¹⁰ O acontecimento é elemento revelador do significado – a pre-sença – é uma acontece em um determinado espaço. Com isso Acontecer é a presença determinada em um espaço. Com isso o Acontecer se torna uma estrutura um ser-no-mundo.

¹¹ O total também aqui não pode ser confundido com a ideia de totalidade, mas com uma estrutura que pode ser apresentada como um todo. Com isso quando fazemos o despertar da “totalidade afetiva” é forma como vamos acessar aquilo que entra em contato com o *dasein*.

mostra enquanto ele mesmo. Em outras palavras, o que vamos colocar é a função desta relação epistemológica apenas como hermenêutica, quer dizer que apreendemos a manifestação do ser no ente.

Assim, o que fica expresso é a representação de um ser que se manifesta no ente, ou aquelas perguntas até então clássicas que demonstram como acontece o ser enquanto ent; ou ainda, apenas representa o estudo regional do ser. Contudo, quando se admite como único meio de acesso ao mundo como sendo a Matemática, temos como resultado a única forma de entender o mundo como ponto de vista de conjunto. Conjunto ou coleção de objetos que tornam este o mundo. Por exemplo, a visão das florestas e ou da cadeia de montanhas. Ou ainda a geometria do relevo, quando descrevemos montanhas, planícies e planaltos.

3 NOÇÕES HERMENÊUTICAS SOBRE O CONCEITO DE MUNDO EM CONTRAPOSIÇÃO AO MUNDO MECÂNICO

Quando Descartes, em seu **Discurso do Método**, ressalta um processo comparativo entre o homem e “Deus” para podermos compreender as categorias que envolvem os dois. Da mesma forma, há uma comparação entre homem e mundo para desta operação subtrairmos a noção que temos de mundo.

Agora, se queremos construir uma noção de mundo, cujo fundamento principal é sua prática, e para isso precisamos entender que prática significa uma ação. E dessa forma, esta noção de fundamento é elementar. Quando buscamos a noção de mundo, o que encontramos é exatamente a noção de fundamento. E enquanto tal, ele carrega dentro de si a possibilidade metafísica de permanecer em qualquer alteração, ou em linguagem fenomenológica; ele é o resíduo de sentido entre os fenômenos que aparecem, e só aparecem por que há sentido.

Quando falamos em mundo, outro elemento que aparece é a função ontológica. Em outras palavras significa dizer que a estrutura de significância torna a abertura do existencial¹² e condição ôntica¹³ de possibilidade para o mesmo se descobrir. Assim, na

¹² O existencial é a estrutura dinâmica própria do dasein. Este se mostra numa relação direta com a própria noção de mundo. Assim cada etapa se autoesclarece em seu processo de verdade.

¹³ O ôntico refere-se a determinação que um ser tem. O problema rastreado por Heidegger está inserido no contexto epistemológico, assim superando o problema do empirismo ou ainda do realismo. Sendo que esta determinação não ocorre de forma estática, mas de forma móvel e relacional.

descrição ôntica-ontológica¹⁴, demonstra que há um círculo envolvendo o processo de autointerpretação. O que parece haver aqui é a descrição de uma relação mútua de significação e compreensão. E que, mesmo assim, não teremos acesso à totalidade (substância) do ente com o qual nos relacionamos, pois esta se dispersa é uma rede de relações.

Com isso, deixamos ao longo a configuração da compreensão de um mundo meramente mecânico, onde poderíamos falar em uma geometria do espaço. Agora vamos convencionar o espaço como estrutura significativa, que é antecipada pela própria estrutura existencial do homem e vice-versa. Dessa forma, a mundaneidade é elemento “significante”. Em termos de Geografia, não pensaríamos mais as relações na forma de geometrias do relevo, mas passaríamos a pensar a linha de relações e as características que descrevem esta estrutura atenuada aqui.

Por outro lado, há fuga da noção própria de mundo em direção à própria dualidade da estrutura mundo. Se, por um lado, podemos aprender formalmente o mundo como conjunto de relações, contudo, há por um lado, apenas um sentido que conecta sentidos. Um grande princípio de unidade. Uma espécie de parte “metafísica” de sua própria unidade. Com isso, o próprio mundo se revela como ser de sentido e por isso podemos pensar o mundo como fundamento e não só princípio de si mesmo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, temos três pontos fundamentais da compreensão do texto, que são marcadas por uma visão filosófica bastante própria. Quando falamos em Filosofia, encontramos com a heideggeriana, que tem como objetivo a crítica em relação a nossa compreensão de mundo mecânica.

Por isso, tentamos apresentar uma leitura sobre o mundo fazendo a diferenciação entre a ideia de um mundo matematicamente explicável e de um mundo cuja função é fornecer sentido para vivência humana. Dessa maneira, a visão de um mundo cuja única noção de sentido que pode nos fornecer é uma geometria geográfica não pode ser considerado mundo, sequer habitável. Assim, esta desconstrução revela ainda entulhos. Elementos confusos que compõem ciências regionais como a geografia. Esses

¹⁴ É uma descrição que visa estabelecer a relação dinâmica onde o fundamento e o princípio se sucedem e se autofundamentam.

elementos mostram uma ciência descritiva, mas descritiva empiricamente, quando a descrição deveria demonstrar a relação de sentido estabelecida entre todos e tudo.

Para isso, apresentei dois modelos de interpretação sobre este conceito. A primeira, o conjunto das relações de sentido. Em outras palavras, falar de um mundo como um nexo de sentido. E a segunda, perceber, com mais intensidade, a relação entre o homem e o mundo, criando com isso um modelo próprio, uma possibilidade de ver as relações e os sentidos como fundamento e princípio. Assim o mundo se constrói e se elabora a partir do humano que se torna humano no mundo.

REFERÊNCIAS

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad.: Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Trad.: Adail U. Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback: Petrópolis Editora Vozes, vol. I, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais de Metafísica: Mundo, Finitude e solidão**. Trad.: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento Geográfico brasileiro: As matrizes Clássicas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. 1 ed. São Paulo: contexto, 2009.